

Demonstração de confiança

Os profetas do caos — como o empresário e consultor de empresas Roberto Teixeira da Costa, em artigo publicado na imprensa, se referiu aos que, diante da menor dificuldade na trajetória do Plano Real, já prenunciaram seu fracasso inevitável — tiveram muitos momentos de felicidade nos últimos meses. A crise cambial mexicana, que provocou a fuga dos investidores estrangeiros dos mercados latino-americanos, a redução do ritmo de crescimento da economia e até a natural oscilação dos índices de inflação foram, para esses profetas, os sinais de fracasso do plano de estabilização.

Nada do que eles previram, porém, aconteceu. Passado o susto mexicano, os investimentos estrangeiros voltaram numa velocidade tal que, depois de recompostas as reservas internacionais, o Banco Central precisou impor restrições à entrada de dólares no País. A atividade econômica se desacelerou, como era desejado pelos condutores do Plano Real — pois, no ritmo que predominou até o início do ano, era grande o risco de se realimentar a inflação —, mas a economia brasileira está longe da recessão profetizada pelos pessimistas. Quanto à inflação, ela de fato continua elevada para os padrões internacionais, mas mantém-se sob controle — e baixa, para os padrões brasileiros.

Por todas essas razões objetivas, o empresariado brasileiro e as grandes corporações internacionais voltaram a confiar na economia do País e a investir pesadamente na produção. Desta vez, os investimentos não se destinam mais apenas a repor o equipamento desgastado ou a substituí-lo para evitar um atraso tecnológico que poderia tornar-se insuperável, como era a característica das aplicações feitas pelas empresas nos primeiros anos desta década. Desta vez, investe-se na ampliação das instalações e em novas plantas industriais, como

mostrou reportagem publicada na edição de ontem do jornal **O Estado de S. Paulo**.

Examinando-se os anúncios feitos por um grupo de 21 das maiores empresas do País, verifica-se que seus investimentos neste ano estão sendo 120% superiores à média do período 1990-94. Em algumas companhias, o aumento é superior a 500%. Na história recente do Brasil, nunca houve tantos projetos novos em tão pouco tempo.

Os projetos anunciados neste ano já totalizam investimentos de US\$ 25 bilhões. A grande maioria deles está voltada para cenários de longo prazo, e não apenas para o atendimento de uma demanda excessivamente aquecida em decorrência do êxito apresentado até agora pelo Plano Real. Com tais projetos, as empresas demonstram confiança não apenas na consolidação do programa de estabilização, mas sobretudo no grande potencial representado pela economia brasileira, tendo-se em vista especialmente seu papel no Mercosul.

A lista de investimentos publicada pelo jornal continuará a ser engrossada por novos anúncios, como o que acaba de ser feito em Seul pela companhia sul-coreana Samsung, que vai investir US\$ 800 milhões em diversos projetos no Brasil. Empresas privatizadas — que, quando sob controle estatal, corriam sério risco de obsolescência precoce por absoluta falta de investimentos — também voltam a investir pesadamente. A Companhia Siderúrgica Nacional, que no período 1990-94 investiu apenas US\$ 45 milhões por ano, agora está executando um projeto que prevê investimentos anuais de US\$ 220 milhões nos próximos cinco anos. Também a Cosipa ampliou seus investimentos depois da privatização.

Se a sociedade brasileira mantiver-se firme na luta contra a inflação, maior será a confiança no País e maiores os investimentos indispensáveis para o crescimento econômico.